

RESUMO EXPANDIDO
XXVI Congresso de Iniciação Científica

NARRATIVAS DO EU NO DEPENDENTE QUÍMICO

Peterson de Souza Queiroz¹

Juliano Maldos Veiga²

Thiago Cardoso de Sousa³

Sueli dos Santos Vitorino⁴

1. Discente do curso de Psicologia; e-mail: peterston.queiroz@gmail.com
2. Discente do curso de Psicologia; e-mail: juliano@vetvclipping.com
3. Discente do curso de Psicologia; e-mail: thiagocs_001@hotmail.com
4. Docente na Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: suelidosantos@hotmail.com

Área de Conhecimento: Psicanálise

Palavras-Chave: Dependência Química; Toxicomania; Drogadição; Psicanálise; Alcoolismo; Ego

Como citar:

Queiroz P de S. Narrativas do Eu no dependente químico. Revista Científica UMC [Internet]. 27 de outubro de 2023;8(2):e080200057.

Disponível em: <https://revista.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/1913>

Fluxo de revisão: o presente resumo expandido foi revisado por pares pela comissão do evento.

Recebido em: 11/09/2023

Aprovado em: 26/10/2023

ID publicação: e080200057

DOI:

Licença CC BY 4.0 DEED

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS), define a Dependência Química como “estado psíquico e às vezes físico, causado pela interação entre um organismo vivo e um fármaco” (OMS, 1974, p.15). No Brasil, “a prevalência do uso de bebida alcoólica nos últimos 30 dias, na população brasileira, foi de 30,1% - o que representa aproximadamente 46 milhões de habitantes” (FIOCRUZ, 2017, p.79). E ainda: “nas capitais brasileiras havia, em 2015, mais de um milhão e 90 mil usuários regulares de maconha, cerca de 670 mil usuários regulares de substâncias ilícitas (exceto maconha) e aproximadamente 380 mil usuários regulares de crack e/ou similares” (FIOCRUZ, 2017, p.208), o que denota a importância da questão para o contexto da saúde no país. De que maneira o dependente químico constrói narrativas sobre si segundo as literaturas psicanalíticas? Essa investigação pressupõe, como hipótese, que haja temas e iluminuras no desvio lírico que o dependente acaba por empreender em sua leitura de si, da vida e dos afetos.

Em suas obras, dois dos mais citados estudiosos da Psicanálise, Freud e Lacan, não abordam de forma sistemática a questão da toxicomania, mas seus conceitos podem contribuir para ajudar na compreensão desse fenômeno. Freud (1997a) reflete sobre o significado do uso de substâncias psicoativas, partindo da ideia de que viver em sociedade exige que o indivíduo rejeite a gratificação total de seus impulsos naturais. Nesse sentido, o uso de drogas pode ser visto como uma maneira pela qual as pessoas buscam aliviar a angústia resultante dessa repressão. Freud também aponta para a forma de uso crônica. Nesse caso, a substância tóxica deixa de ser apenas um meio usado ocasionalmente, junto com outros objetos, na busca contínua do indivíduo para satisfazer seu desejo, para assumir um papel central na economia dos desejos. Contudo, essa satisfação vem com o preço de se afastar de uma cadeia organizada de significados que poderiam representar o desejo do indivíduo.

Lacan (2008), por sua vez, abordou o tema de uma perspectiva mais linguística e simbólica, onde o uso de drogas poderia estar relacionado à tentativa de preencher um “vazio”, uma falta simbólica, e que a dependência química seria uma forma de escapismo do confronto com essa falta. Para ele, o uso está relacionado à busca de escapar da angústia associada à castração, tornando o encontro com o falo insuportável e, ao interromper a busca pelo gozo fálico, evita o grande outro, isolando-se em si, numa espiral egóica ao mesmo tempo autoerótica e autodestrutiva que aliena e impede a constituição do laço social. Na toxicomania o sujeito não exclui completamente a esfera sexual, mas, de maneira diferente, usa a droga para evitar os impasses sexuais. Em outras palavras, a droga se torna um parceiro substituto,

embora efêmero. Nesse contexto, o gozo na toxicomania transcende o mero prazer, e nele identificamos a presença da pulsão de morte.

OBJETIVO

Identificar a gênese das construções narrativas sobre si mesmo do dependente químico para um estudo da influência dela na concepção/construção dessas mesmas narrativas que, por sua vez, limitam o sujeito da toxicomania na consumação do desejo. Buscou-se, especificamente, elencar os instrumentos utilizados nas pesquisas para aferir os métodos empregados nos estudos e descrever a amostra estudada e empreendeu-se pesquisar, nos autores de referência e nos artigos, o conceito de narrativa, o conceito de “eu”, as teorias psicanalíticas que embasaram os estudos, além de verificar quais tipos de dependência química foram os mais estudados.

METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo, foi uma revisão integrativa da literatura, seguindo as seguintes etapas: definição de um problema e a formulação de uma hipótese; busca na literatura; definição das informações e categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; interpretação dos resultados e apresentação da revisão. (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Foram utilizadas as produções disponíveis no Portal BVS (Biblioteca Virtual em Saúde Brasil) nas bases Medline, Lilacs, PsycInfo, e nas bases de dados PEPISIC, SCOPUS, Scielo; e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Para a busca dos materiais foram utilizados os seguintes descritores de maneira individual: “Dependência Química”; “Psicanálise”; “Alcoolismo” e “Ego”. Não foi estabelecido critério de tempo para a busca. Para critérios de inclusão, as produções deviam promover acesso gratuito ao artigo completo. Foram excluídos textos que abordavam público-alvo que não fossem formados por dependentes químicos ou alcoolistas, além dos que tratassem destas mesmas questões/pessoas, mas por meio de abordagens que não a psicanálise. Foram encontrados, como amostra final, o total de 31 artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas de base psicanalítica sobre o tema dependência química no Brasil tem enfrentado desafios significativos ao longo dos anos, com uma quantidade de publicações

reduzida. Os 31 artigos analisados foram publicados entre os anos de 2010 e 2022, sendo os anos de 2013, 2014, 2015 e 2019 os de maior publicação: 19,35%, 12,90%, 16,13% e 12,90%, respectivamente. As publicações de 2010, 2016 e 2022 se somadas representam um total de 9,68%, o equivalente as publicações de 2012. Já os anos de 2017, 2018 e 2021 receberam 6,45% cada. A falta de atenção nessa área pode ser atribuída a vários fatores e permeada pela falta de recursos financeiros. O Brasil enfrenta uma série de questões de saúde pública, que muitas vezes são priorizadas em detrimento da dependência química. A Psicanálise também pode ser afetada por essas limitações. Suas pesquisas envolvem estudos de longo prazo e análises aprofundadas, o que requer tempo e recursos substanciais, além do fato de que o Brasil tem uma tradição de tratamento das dependências químicas com base em abordagens terapêuticas comportamentais em detrimento de abordagens de cunho mentalista. Os artigos foram publicados, majoritariamente, em revistas psicanalíticas (90,32%), mas também ocorreram veiculações em publicações de Enfermagem, Psicologia Social e Saúde. De um total de 22 revistas, apenas 1 (4,5%) recebeu 3 conteúdos. As outras 21 revistas (95,5% do total), receberam entre 1 e 2 conteúdos cada. Destaca-se a revista “Psicologia USP” com maior número de artigos selecionados para essa pesquisa.

Os resultados atinentes às teorias que embasaram e referenciaram os estudos publicados apontam para a Psicanálise como soberana nos resultados. 38,71% dos artigos trouxeram as teorias de Freud e Lacan. De forma individual, Freud aparece em 12,90% das pesquisas, seguido de Lacan, com 9,68%. Todavia, ainda que os estudos se utilizem de outras fontes, é possível perceber que a Psicanálise foi a base de sustentação. Desse modo, observa-se que 96,77% dos artigos são de fundo psicanalítico, com exceção de apenas 1 artigo. Alguns estudos que trazem, entre outros autores, Foucault, Marx e Moscovici. No que concerne aos instrumentos utilizados nas pesquisas analisadas, os resultados evidenciaram que 45,16% do total se valeu de “Estudo Teórico”, seguido de “Estudo de Caso” com 22,58%. “Pesquisa Aplicada” e “Pesquisa Clínica” somam 16,13%, mesmo resultado para artigos em que não foi possível tal identificação. A porcentagem maior de estudos teóricos sugere interesse em consolidar o conhecimento existente sobre psicanálise e dependência química, bem como em explorar conexões conceituais entre os temas, além de ser uma modalidade que requer investimentos financeiros de menor monta. Em sentido oposto, a porcentagem menor para as pesquisas aplicadas pode indicar que a exigência de recursos adicionais para a produção torne sua execução mais difícil. O fato de metade das pesquisas ser oriunda de atendimentos (Pesquisa clínica, aplicada ou estudo de caso) mostra a preocupação dos pesquisadores em produzir conhecimento útil ao trabalho cotidiano. Se considerar-se a questão de que a clínica da toxicomania em ambientes não manicomial (BRASIL, 2001/2023), estava na sua segunda

década de funcionamento, no período de maior produção dos artigos (2013, 14 e 15), faz sentido as produções serem mais numerosas, pois havia urgência na necessidade de amparo científico para embasar as práticas (e gerar mais produções empíricas), especialmente porque na década anterior não foi possível encontrar publicações nessa temática.

Em se tratando da amostra populacional estudada nos artigos selecionados, a pesquisa revelou que em 29,03% do total não foi possível tal identificação, por serem estudos teóricos e reflexivos. Ao passo que, em aspectos gerais, pode-se considerar que uma parcela satisfatória, 70,97% da população estudada, é de dependentes químicos e toxicômanos em geral. Isso porque, embora “Dependentes Químicos” e “Toxicômanos em Geral” perfaçam 19,35% dessa população, é possível observar um mosaico de pessoas, em diferentes faixas etárias e “instituições”, como sendo parte dessa amostra populacional. No que tange os tipos de dependência. Álcool e outras drogas aparecem com 32,26% do total, seguido de Drogadição e Toxicomania em Geral, com 16,13% cada. O mesmo percentual obtido para tipos de dependência não identificados. É possível, ainda, observar outras substâncias nomeadas de forma específica que aparecem em um artigo: Maconha, Crack e Benzodiazepínicos (3,23%). A partir disso é possível considerar que os artigos, em sua maioria, não entendem como relevante o tipo de substância nos estudos sobre dependência química. De fato, é possível imaginar a dificuldade para se empreender um estudo de envergadura que considerasse as minúcias e especificidades que os usuários de cada droga em particular apresentam como elementos importantes no entendimento do problema e dos encaminhamentos possíveis para o tratamento. No entanto, de um modo geral, a ênfase não recai sobre a substância em si, mas sim na pessoa do toxicômano.

Quanto ao conceito de Eu, foi possível localizá-lo claramente descrito em dois dos 31 artigos, como o ‘Eu freudiano’, ou seja, os autores remetiam à descrição psicanalítica clássica para defini-lo. Percebeu-se que, em alguns dos estudos, era possível apreender a ideia geral que dos pesquisadores para delinear o termo ‘eu’, assim, optou-se por fazer uma análise de conteúdo temático utilizando análise de conteúdo de Bardin (2009) a fim de apanhar, nesses discursos, os conceitos de “eu”. Localizou-se, então, o conceito em 14 dos 29 artigos restantes. Em 15 artigos não foi localizado o conceito de “eu”. Dos conceitos levantados, seis aludiam à “narrativa 'busca satisfação/ 'do ideal” e três citavam o ‘eu como modo indireto’. O fato de metade dos artigos não conter uma clara descrição de um conceito fundamental para compreensão da problemática abordada, mostra fragilidade na sustentação dos argumentos que qualificam os estudos. Isso é bastante relevante, pois a replicação desses estudos depende dessa propriedade, expressa na escrita, não apenas do método, mas da base conceitual abordada (WITTER, 2005).

O conceito de “eu” normalmente é apresentado a partir de uma narrativa. Assim, buscou-se conhecer as expressões utilizadas pelos autores acerca dessas narrativas. Como o conceito não surgiu descrito claramente em nenhuma das produções, buscou-se aplicar, novamente, a análise de conteúdo temático de Bardin (2009). Dos 31 artigos, somente 11 apresentavam elementos que permitiram chegar a um conceito de narrativa; Sete deles (22%) apontam a narrativa como ‘discurso’, pois aludem ao elemento comunicacional, seja o que dizia respeito às amostras estudadas, seja aludindo ao discurso teórico que permeou as produções. Não foi localizado o conceito em 20 artigos (64%), ou seja, mais da metade das pesquisas que se propuseram a tratar da compreensão de elementos psíquicos complexos que explicariam a natureza humana não se comunicou com seu público essencial: outros pesquisadores, o que denota fragilidade e compromete a utilidade das produções no cotidiano do cuidado prático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi o de identificar, comparar e estabelecer pontes de significado e saberes entre os artigos selecionados como tentativa de se construir hipóteses, à luz da psicanálise, acerca da subjetividade do dependente químico e, sobretudo, das formas como estas pessoas se reconhecem e se expressam sobre si mesmas tanto quanto sobre o mundo que as rodeia. Os dependentes químicos, assim como qualquer pessoa, estão constantemente envolvidos na construção de narrativas que determinam suas identidades. No entanto, para o toxicômano, essas narrativas podem ser moldadas de maneira única pelo uso de substâncias. A dependência química é um problema que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, incluindo o Brasil, onde a estatística alarmante de usuários regulares de álcool e drogas suscita uma profunda preocupação e cuja solução requer investimento em trabalho sério, de base multidisciplinar, que não pode excluir a psicanálise. O Brasil enfrenta um desafio adicional no que diz respeito à Pesquisa Científica: a falta de investimento, particularmente no contexto dos estudos psicanalíticos acerca do tema da drogadição. É importante que se reconheça que a compreensão das narrativas do eu dos dependentes químicos brasileiros, à luz da Psicodinâmica, pode fornecer ferramentas valiosas para estratégias de prevenção e tratamento mais eficazes em saúde pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial Eletrônico, Brasília, DF, 09 abr. 2001, p.2. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm Acesso em 02/09/2023

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. (1920-1922) In: Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1997a.

FUNDAÇÃO INSTITUTO OSWALDO CRUZ. III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.

LACAN, J. O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar. 2008

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto & Contexto Enfermagem. Florianópolis, p. 758-764, out/dez. 2008.

Organização Mundial de Saúde. Comitê de expertos de la OMS en farmacodependencia (20º informe). OMS: Genebra. 1974

WITTER, Geraldina Porto (Org.). Metaciência e Psicologia. Campinas: Editora Alínea, 2005.